

## DITOS

### TRANSATLANTISMOS LINGUÍSTICOS

Em Diálogo com o *Pequeno Dicionário  
de Expressões Brasileiras*, de Jean Lauand

Paulo Ferreira da Cunha<sup>1</sup>

**Resumo:** Estão na moda os dicionários ditos “sentimentais”, ou “amorosos”. Este artigo é um brevíssimo vocabulário comentado, de um apaixonado pela Língua Portuguesa em todas as suas variantes, feito em diálogo com o *Pequeno Dicionário de Expressões Brasileiras*, de Jean Lauand. Centra-se essencialmente na questão da existência ou não em Portugal de palavras e expressões correntes no Brasil nessa obra repertoriadas: seja qual for o motivo e a forma da coincidência. E procurando os sinónimos ou as variantes, assim como ilustrando situações diversas de emprego vocabular.

**Palavras Chave:** Dicionário – Língua Portuguesa – Português do Brasil – Expressões Brasileiras.

**Abstract:** So-called “sentimental” or “loving” dictionaries are in fashion. This article is a very brief commented vocabulary, from someone passionate about the Portuguese language in all its variants, made in dialogue with the *Pequeno Dicionário de Expressões Brasileiras*, by Jean Lauand. It essentially focuses on the question of the existence or not in Portugal of words and expressions current in Brazil, present in that book: whatever the reason or way for the coincidence. And looking for synonyms or variants, as well as illustrating vocabulary usage situations.

**Keywords:** Dictionary – Portuguese Language – Brazilian Portuguese – Brazilian Expressions.

#### I. Contexto, Escopo e Método

Há sensivelmente um ano, em dezembro de 2022, recebi o original do brilhante livro de Jean Lauand, *Pequeno Dicionário de Expressões Brasileiras*, com o honroso convite para o prefaciá-lo. Terminei esse paratexto inicial para tão excelente obra a 4 de janeiro de 2023. E tal prólogo viria a figurar nas páginas 9 a 18 da edição, devida à editora Enguaguaçu, a qual deu a obra à estampa em março do mesmo ano. O título veio-me imediatamente ao espírito, pelo conteúdo sábio e exaltante ao mesmo tempo das laudas com que dialogava e então apresentava aos leitores: “Do hospital das Letras à festa das palavras”.

Além do Prefácio, não deixei, ao longo da minha leitura, de registar algumas notas, fazer alguns sublinhados, comentar à margem, brevíssimamente, sobretudo as semelhanças e diferenças de alguns usos de palavras e expressões, no Brasil e em Portugal. Sai agora um novo volume na Coleção Jean Lauand, integrada na mesma editora: o *Pequeno Dicionário Filosófico e Sociológico de Expressões Brasileiras*, datado de setembro de 2023. E já está no prelo um terceiro: *Linguagem e expressões*

---

<sup>1</sup> Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça de Portugal. Professor Catedrático da Universidade do Porto (em licença para o exercício da magistratura).

*brasileiras – Pequeno dicionário sociológico, filosófico e teológico*, este pelas Edições CemOrOc.

Esta renovação editorial suscitou-me a vontade de celebrar o primeiro livro, saudando o segundo e o terceiro, indo recuperar os meus apontamentos e anotações, revisitando-os. Os tempos também aconselham a refletir sobre o nosso Brasil e o nosso Portugal. E começar pela Língua, que é Pátria para Fernando Pessoa, não parece ser um mau início. Antes que sejamos confundidos por um vendaval de lugares-comuns de pouca reflexão e muito populismo. Não se lança pela janela fora da História mais de meio milénio de percurso comum, e em certos momentos entrelaçado, à voz de preconceitos e *slogans*. Sabemos que é possível Portugal e Brasil de costas voltadas, e, pior ainda, com ressentimentos e culpabilizações. É possível, e alguns parece desejarem-no, apenas por capricho e quiçá algum despeito, não sei. A verdade é que isso, a ocorrer, seria muito empobrecedor para ambos os países. Nem quero pensá-lo sequer. Mas para que não ocorra, é preciso um trabalho positivo de afirmação da cultura comum e de diálogo da cultura de cada um dos países, e de debate com quem a um ou a outro (e não raro até a ambos, sendo embora nacional de um deles, pelo menos) nega e calunia.

Com efeito, num momento em que alguns estão apostados em envenenar as excelentes relações entre Brasileiros e Portugueses, e em inquinar a ponte contínua (bem mais funcional e ágil que qualquer ponte aérea) entre a alma portuguesa e a brasileira, enfatizando *faits divers* pontuais de incompreensão, foi para mim um lenitivo, um bálsamo, visitar esta obra e os meus apontamentos de então, e preparar este artigo, que é uma espécie de vocabulário comparado, a partir do diálogo com esse Dicionário de Jean Lauand. *Em Português nos entendemos*, dizia alguém...

Evidentemente que este artigo não se debruça sobre todas as entradas que essa excelente obra contém. Parte do princípio (*a silentio*, é o que deverá interpretar-se) que, por ida da Europa para a América, ou vice-versa, ou eventualmente por evolução paralela da língua (retomando as hipóteses de coincidências culturais e civilizacionais de G. Dumézil), a regra será a da coincidência. Mas assinalam-se inúmeras variantes.

Talvez este balanço, que privilegia a confluência de expressões numa e noutra das margens do Atlântico, esteja um tanto influenciado (e quiçá distorcido) pela nossa parcial ascendência brasileira (a qual, por seu turno, deriva de mais antiga ascendência portuguesa...) e pelo facto de termos viajado frequentissimamente para o Brasil durante umas duas décadas, e termos vivido e percorrido esse País-Continente durante três fecundíssimos anos da nossa vida. É possível que, assim, atribuamos a fala portuguesa o que é brasileira apenas...

De qualquer modo, não se pretende, no caso, senão apresentar um testemunho das nossas impressões, como vemos pessoalmente a situação. E nesse diagnóstico subjetivo devemos sublinhar que a influência linguística brasileira em Portugal, nos últimos anos, tem sido enorme. Já há umas décadas por via das telenovelas e (menos embora, da canção, e menos ainda da literatura e do cinema – mas com alguma presença), e depois pela vinda para Portugal de muitos cidadãos brasileiros que aqui se instalaram e têm uma atividade profissional e social muito relevante, ativa e de grande visibilidade. Além, evidentemente, de também se terem intensificado as idas de portugueses *ao e para* o Brasil.

A riqueza que a Língua Portuguesa adquiriu no Brasil é extraordinária. A sua adoção em Portugal é um enriquecimento também. Apenas se notará que, sendo a Língua a “Casa do Ser” (recordemos Höderlin, Heidegger e o nosso Vitorino Nemésio, açoriano, como que a meio entre Portugal continental e o Brasil), e do Ser específico de uma cultura, uma questão a discutir e a refletir é a da especificidade

nacional de um conjunto de palavras e expressões. Não uma ou outra, mas um bloco, um conjunto delas, que dão todo um clima linguístico-cultural.

Várias expressões naturalmente portuguesas de raiz passaram para o Brasil. E embora muitos brasileiros possam acreditar que são tipicamente brasileiras (ou seja, suas, originais), já eram portuguesas. A situação é relativamente pacífica, porque a língua de que se parte é a Língua Portuguesa. Não destoam, são parte de um conjunto lexical não controverso.

Já expressões criadas pelo génio linguístico brasileiro, e no contexto específico da sua idiossincrasia cultural, podem ser (e são) importadas por falantes portugueses, mas serão notadas a princípio, pelo menos como algo de novo, eventualmente de interessante, ou até de exótico. Há um efeito de estranhamento (*Verfremdungseffekt*) inicial, sem dúvida, a menos que os ouvintes / leitores sejam muito distraídos ou amorfos. Só com o tempo e o uso acabarão por ser integradas no falar corrente e tido por nacional “puro” da linguagem do português europeu. Curioso é notar que não estou a ver muitas palavras que de agora se exportem de Portugal para o Brasil. Mas a questão é mais funda: que palavras com interesse mesmo, que não sejam “paralelepípedos” linguísticos (como dizia o grande escritor João de Araújo Correia no seu livro *A Língua Portuguesa*) se têm vindo a cunhar recentemente no “jardim da Europa, à beira-mar plantado”, como disse Tomás Ribeiro, no seu poema *A Portugal?*

As palavras são embaixadoras e exportadoras de ideias, de formas de ser e de se comportar. Mais ainda: espelham uma *forma mentis*. Quem escreve e fala em várias línguas sabe bem, ao menos se parar para refletir, que a sua própria personalidade difere de uma língua para a outra. Não assim é de estranhar que o afluxo de fórmulas e palavras brasileiras a Portugal contribua para mudar a forma de ser e de pensar portuguesa. Ocorreu não apenas com as palavras, mas com a própria trama ficcional e com a representação aquando da exibição da telenovela *Gabriela* (primeira versão) na televisão portuguesa pouco depois da Revolução dos Cravos (25 de Abril de 1974). O País parava para ver os seus episódios. E não somos o único a pensar que teve grande influência social, de costumes e mentalidades.

Ainda sobre este levantamento linguístico de agora. Como ele foi, é, e se pretende que seja, à vista do público, um diálogo, não se prescindiu da natural oralidade que reflete a primeira leitura e correspondente reação do prefaciador à impressividade da obra. É um eco, pois, este, do que inicialmente o agora autor leu do autor original, inspirador, Jean Lauand, no seu *Pequeno Dicionário...*

Segue-se, assim, um conjunto de anotações *currente calamo* a alguns dos verbetes do *Dicionário*, que só tem de pequeno o nome. A doutrina que aqui se deixa exarada só ao autor compromete. Não temos a pretensão de ser omnisciente dos usos linguísticos.

## II. As Palavras e as Expressões

**(pura) Adrenalina** – Parece que nos meios operáticos, pelo menos britânicos, a garra, a “alma”, a força anímica de uma diva é traduzida por ter muita “estamina” – no fundo, Química à parte, é semelhante a dizer-se “adrenalina”. Adrenalina, em Portugal, é sintetizada na canção “Do meu vagar”, de Rui Veloso e Carlos Tê, ligada à agitação, ao frenesim do trânsito, e dizendo nomeadamente:

Já não há mais o vagar  
De quando se comia sentado  
E devagar se caminhava  
Até chegar a qualquer lado  
Agora vai toda a gente  
Sempre de mão na buzina  
Sempre na linha da frente  
A tremer de adrenalina.”

**Agora é que são elas** – Aproximar de *hoc opus hic labor est* (este traduzido por “aqui é que a porca torce o rabo”). Ou então: agora é que se vai ver “como elas mordem”.

**Amigos, amigos...** (negócios à parte). Uma separação que nem sempre ocorre, especialmente nas situações (universais) do chamado “amiguismo” e compadrio... Velhas referências a nepotismo e à troca de favores, já em Roma (*do ut des*) ou em França, *donnant – donnant*.

**Amigo da onça** – No final, o visado replica para o que torce pelo bicho agressor (ou pelas adversidades e contrariedades) e não pelo amigo: “afinal, és meu amigo ou da onça?”. Também ocorre quando uma pessoa fala das suas maleitas de saúde e o “amigo” se aprimora em contar outras situações em que tudo correu mal com outros padecentes de sofrimentos afins.

**(pelo) Andar da carruagem** – “Pela aragem, se vê quem vai na carruagem”. Aproximar de “vamos andando e vamos vendo”. É um caminho “que se vai fazendo caminhando”, como no poema de Machado, mas curioso no Reino Unido diz-se “wait and see”, vê-se, esperando. Por aqui, vai-se vendo ao longo de um percurso. Mais dinâmico?

**Assim, assim** – “More or less”, se diria em tradução um tanto banal para um inglês de ocasião. Também em matérias de saúde, ou situação no emprego, por exemplo, se vai dizendo: “quanto mal...”, pressupondo “nunca pior”. Outra fórmula, sobretudo em resposta à pergunta de como se está ou como se vai, em pessoas mais antigas e devotas: “Com a graça de Deus” ou “Como Deus quer...” ou ainda “Como Deus / Nosso senhor é servido”. O que tem a grande vantagem de não fazer relatórios médicos pormenorizados.

**Assim ou assado** – Um caso de jogo de palavras pela sonoridade, também aqui usado. E pode continuar-se dizendo para outras modalidades: “cozido e frito”. Uma panóplia de situações: “assim, ou assado, cozido e frito”.

**Baboseira** – Também se usa.

**Bagunça** – “Que bagunça é essa? – Diz o Pato Donald vendo os três sobrinhos em festa mais ou menos turbulenta – quem paga a conta da luz?” Um caso de penetração (só em alguns círculos) quiçá também por via dos gibis (ou BD) da Abril Cultural que tiveram muita voga em Portugal nos anos 60-70 do século XX. Também se diz “tudo bagunçado”. E até, no caso de quem os possa ter, “quartos da bagunçada”, em que crianças pequenas se podem divertir em casa, sem que os adultos reclamem que não arrumam os brinquedos.

**Bambambam** – Expressão com todas as condições para ser adotada em Portugal. Embora pareça que a dicotomia entre os bambambam e os outros seja não direi mais

real, mas mais sentida, ou verbalizada, no Brasil. Uma impressão. Aqui por vezes se diz apenas “eles”... Tem-se, contudo, mais cuidado em usar a expressão “elite” com o sentido de oligarquia. Apesar de tudo, ainda há quem distinga o escol, a nata, a “crème de la crème” social, que é positiva, como sendo elite, dos simples oligarcas, plutocratas, etc., que são uma casta frequentemente sem merecimento. Mas talvez por influência dos usos brasileiros começa em Portugal a misturar-se oligarquia e elite. Seriam todos, afinal, os *bambambam*’s.

**Bancar** – Não se usava, mas desde que um livro de divulgação no Brasil dizia algo como que o pai de Maquiavel (um advogado sem posses) não o podia bancar, adotei definitivamente. Não dá para não bancar essa expressão.

**Bandalho** – Era, nos anos 60 do séc. XX, uma expressão algo pesada. Chamar bandalho a alguém era insulto, por parte de pessoa muito ferida ou muito agressiva. A “bandalheira”, presente no jingle de Jânio Quadros, com a respetiva vassourinha, aqui sempre foi mais ou menos sinónimo de “bagunça”, com conotação muito menos negativa que “bandalho”.

**Banho-maria** – Muitas reformas ficam em “banho-maria” por cá também. Algumas infelizmente, porque a situação marca passo (“faz que anda, mas não anda”), mas outras felizmente, porque se “tem mais olhos que barriga”, por vezes, e se dá “passo maior que a perna”.

**Barata tonta, baratinado** – A desorientação da barata tonta é aqui conhecida. Mesmo sem associação à canção mexicana da *Cucaracha*. Mas não creio fazer-se muito a ligação (pelo menos consciente ou explícita) com o estar-se baratinado.

**Barbeiragem / barbeiro** – A associação do barbeiro (estar *um barbeiro*) com o frio existe. Já não noto que se diga “barbeiragem”.

**Barraco (/ barraqueiro)** – “Barraqueiro” é abusado, sem maneiras, histriónico. Já fazer um barraco (não quer dizer “uma barraca ou barracão – construção) e ditos afins não registo por aqui. Pelo contrário, diz-se “barracada” para uma *gaffe* grande. “Fez uma barracada” – cometeu grande *gaffe*, ou fez algo clamorosamente mal feito, ou com más consequências, muitas vezes por imperícia, desleixo, ou pura incompetência. Porém, em geral, não é erro gravíssimo, que se não possa consertar.

**Bater papo** – Expressão que entrou cá, mas ainda se prefere uma boa cavaqueira, ou conversa...

**Bicha** – Em Portugal de há anos que dizemos fila, evidentemente por influência brasileira.

**(ter / estar com) Bicho carpinteiro** – Também por cá. Fala-se ainda de se dançar, ou fazer, ou se estar (mais subentendido) com a “dança de São Vito”. Também se diz no plural: “está com bichos carpinteiros”.

**(se correr o) Bicho pega (se ficar o bicho come)** – Apreciamos. Não se diz, mas é divertido. Algo como cair de Cila em Caríbdis, referência clássica que, como tantas outras, caiu em desuso.

**Bife a cavalo e bitoque** – Há sim, mais nalgumas regiões que noutras, mas sim. Faz parte de alguns hábitos gastronómicos só há pouco em evolução, não apenas vegetarianos...

**Blá-blá-blá** – Claro! Muito... Porém, há que destringer o verbalismo de jogar conversa fora (expressão que não se diz em Portugal) do discurso com elaboração e pertinência, mas que o interlocutor não compreende e estigmatiza, na sua ignorância, como blá-blá-blá. São coisas bem diferentes. Para alguns, tudo o que não seja senão o uso de um léxico de 40 palavras é blá-blá-blá... Outros, por seu turno, deleitam-se com enrolações verbais (aqui não se diria assim). Tradutores sábios autóctones na África colonial portuguesa sintetizavam estes verbalismos com a simples expressão: “está a falar...” Não a dizer nada, apenas a usar a função fática da linguagem...

**Boa (mulher)** – Dependendo dos socioletos, e naturalmente com muita diferença conforme o lugar de colocação do adjetivo.

**Bobo ou tolo?** - bobo nem nada - de bobo não tem nada - desgraça pouca é bobagem. Mais de tolo não tem nada – Também se usa “bobo da corte” para um histrião em algum círculo. “Bobagem” creio que vai entrando. “É muita bobagem”. Antes, seria sobretudo “é muita burrice”. Bobagem é mais suave...

**“Boi de piranha”** – Também entrou um pouco, mas muito pouco. De grande sabedoria.

**Bola pra frente** – Chutar; mas pouco usado, creio. Salvo, obviamente, no socioleto futebolístico, que tem todo um grande e particular vocabulário...

**Bossa Nova** – Óbvio que sim. E belíssima.

**Botar a boca no trombone (/no mundo)** – Sem dúvida, depois que se vê mais a corrupção e práticas similares...

**(para xx nenhum) botar defeito** – Sim, importado, creio.

**Brazuca** – Também. Mas creio que mais antigo. Tendo a crer que agora se diz mais por extenso “Brasileiro” do que antes... Não sei porquê. O equivalente de “Brazuca” para o português é “Tuga”, abreviação já de “Portuga”. Mas, embora se use em contexto futebolístico e afim, não é de muito gosto. Os Portugueses mais senhores de si não gostam de ser abreviados como “Tugas”. Será que é semelhante com o “Brazuca” Brasileiro?

**Brincando, brincando...** – A brincar, a brincar... se dizem as verdades, etc.

**(confundir alhos com) Bugalhos** – Existe também. Ou mesmo somar alhos com bugalhos...

**Bullying** – Palavra nova para antiga realidade. Cada vez entra mais no léxico corrente. E a realidade também não parece melhorar...

**Burros n’água** – Aqui em Portugal diz-se “machinhos na água”. Mais completo: “dar com os machinhos na água”.

**Cachorro quente** – Claro que existe por cá. Léxico de cafeteria. Não se diz, em regra, *hot dog*, credo! Contudo, há restaurantes que usam *dog* no nome, e parece haver pessoas que tratam os seus cachorros por *dog*. Forma de snobismo, dizimada pela canção de Zeca Pagodinho, *Samba do Approach*?

**Cafajeste, salafrário, bandalho, canalha** etc. – Cafajeste de novela. Canalha de Tancredo, bandalho da vassourinha... – Canalha diz-se muito, salafrário sim, mas mais para tradução das imprecações do Capitão Haddock do Tintim; cafajeste muito em ligação com a telenovela; bandalho – ver noutra verbete.

**Café da manhã** – Poética e deliciosa expressão, que vai completamente bem com “amanhecer”, que é mais que “acordar”... Há quem diga (Timor, Moçambique... menos o em Portugal, salvo em certas regiões rurais) mata-bicho. E o usual em Portugal é realmente Pequeno-almoço.

**Cafezinho** e a mania brasileira de diminutivos (...até para aumentar!) – Sim. Aqui também, mas menos... Há por cá a notar as variantes de sufixos em -inho e em -ito. Além de que há todo um léxico complexo de bebidas com café, que nem sempre são comuns a todo o território português (semelhante coisa ocorrendo com as formas de servir cerveja): café, café cheio, café curto, descafeinado, garoto, traço, pingo, carioca, abatanado, bica, etc.

**Caipira** – Recordamos da canção *Romaria* (João Mineiro e Marciano):

“Sou caipira, Pirapora  
Nossa Senhora de Aparecida  
Que ilumina a mina escura e funda  
O trem da minha vida”

Não creio que se use *senão* para referência a situações no Brasil, e como um brasileiro certamente faria.

**Caipirinha / caipiroska** – Havia em rodízios brasileiros (que chegaram a estar aqui muito em moda), primeiro, e hoje também fora deles.

**Cair a ficha** – Aqui também cai de vez em quando.

**Canalha** – Fala de Tancredo Neves no Congresso, lembrada creio que por poucos. Mas sempre a recordar.

(é) **Canja** – “É canja” significa algo simples, fácil... Também se usa em canção escolar, cantada em viagens de estudantes em ônibus... “é canja, é canja, é canja de galinha, etc. / a malta cá da frente /mete a de trás na linha” ou algo semelhante. Curiosamente diz-se caldo de galinha para os cuidados que são sinal de prudência: “cuidados e caldos de galinha nunca fizeram mal a ninguém”. Em meios mais cosmopolitas, já vimos substituído o “é canja” pelo britânico “piece of cake”.

**Cara (& Cia.)** – Todos sabem o que é, sim. Mas não se diz. Mais “o tipo”, ou, mais educado, “o sujeito”, e pior “o gajo”... Há variantes como “o indivíduo” (com vantagem de ser usado para todos os géneros...), e em certos meios “o agente”, aquele que atua.

**Cara de pau** – “Muito cara de pau”. Creio que está a usar-se um pouco.

**Careca de saber** – Salvo pessoas que terão, ou terão tido, contacto com o Brasil, não ouvi a expressão em Portugal. O sentido que resulta de “careca de saber” associado a Leandro Karnal parece ser ambíguo, mas terá contribuído quiçá para a difusão da expressão.

**Cheio de dedos** – Brilhante e saborosa expressão. Não se usa em Portugal.

**Chilique / faniquito / piripaque** – Até com um estalar de dedos e gesto de queda, usa-se, mais como “cheliqe” e “fanico”. “Piripaque”, nunca.

**Chofer** – Sim, mas com pronúncia e grafia francesas. Frequentemente mais usado é motorista ou até condutor.

**(O) Choro é livre** – Muita coisa é (surpreendentemente) livre e não paga imposto. Por exemplo, a burrice. Muito explicitamente dito: “a burrice não paga imposto”.

**Chove não molha** – Aproximar de “faz que anda, mas não anda, parece de brincadeira”. Como no poema *Adeus, Lisboa*, de António Gedeão:

“Vou-me até à Outra Banda  
no barquinho da carreira.  
Faz que anda mas não anda;  
parece de brincadeira.”

*Marcar passo* – importado do léxico militar?. Também se fala, ao contrário, em chover no molhado, para insistir vãmente em algo.

**Ciranda, cirandinha** – Tem música. No Brasil, ver as obras de Villa Lobos... E o livro de Lygia Fagundes Telles, e depois telenovela. Por cá, é sobretudo uma dança popular, que se difundiu no séc. XIX sobretudo na Beira Litoral e no norte da Estremadura. Cirandar é andar numa dobadoira, numa roda-viva, é uma “correría”...

**Cobra criada, macaco velho, raposa velha, “muitos anos de janela”, velho de guerra** – Léxico do saber bem demais, do conhecer profundamente, sobretudo a vida, os meandros, os expedientes... Também se diz, creio, “rato velho”...

**(não diz) Coisa com coisa** – demência ou atolambadice – Não bate certo, é “lélé da cuca”, também de diz. Também, embora mais raro: “não acerta uma na borracha”.

**Coisíssima nenhuma** – *Nothing at all*. Uma superlatividade assertiva. Por vezes enfática.

**Com a corda toda / com a bola toda** – “E dura, dura, dura”, como as pilhas de Duracel num comercial da TV. Os incansáveis, os “aborrecentes”, os palradores, têm a corda toda. Também se dizia, mais modernamente, “dar corda aos sapatinhos”, para ir-se, e ir-se rapidamente.

**Com que roupa?** – Recordo “com que roupa eu vou” – da canção de Noel Rosa. Mas aqui não se diz, creio. A não ser de forma muito denotativa, e portanto sem interesse no caso.

**Comes e bebes** – BAR. Quando foram proibidas designações estrangeiras, num desses acessos exagerados de nacionalismo, dizia-se que Bar era abreviatura (B.A.R.) de Boa

adega regional. Além de comes e bebes, de restauração, havia a venda de mercearia, ou afim, de secos e molhados. Hoje raríssima, e tornada, pelo menos em muitos casos, mais *chic*. “Mercearia fina”, se diz ainda...

**Como quem não quer nada / Conversa vai, conversa vem / Brincando, brincando...** – aproximar de “assobiando para o lado”. Diz-se aqui também “como quem não quer a coisa”, para seja o que for. Forma sutil de abordagem...

**Conto do Vigário – e banha da cobra** – Conta-se o primeiro e vende-se a segunda.

**Conversa fiada, conversa mole (... para boi dormir), papo furado...** – Conversa fiada há por cá. O resto acusa origem brasileira quando se ouve. Sobre para boi dormir – ver verbete.

**Cor de burro quando fuge** – Indica imprecisão cromática e não só. “À noite, todos os gatos são pardos”. Por vezes, quer mesmo designar uma cor que não é clara (não é da “linha clara” da Banda Desenhada belga...), evidente, catalogável, a que falta nome e por vezes não será muito agradável à vista. Como numa aguarela / aquarela *suja*...

**Corre-corre** – Algo como lufa-lufa. “Correria” talvez se esteja a importar na fórmula “andar na correria” ou “é uma correria”...

**Correr atrás do prejuízo** – Acaba por estar a ser muito integrado, creio. Até por que corresponde a uma ideia de que se está a apropriar uma certa cosmovisão contemporânea.

**(ter as) Costas quentes** – Aqui também. Haverá quem as tenha, ou se cuide as terá...

**Craque** – Duvido até se não será universal... Deve ser.

**Curtir, curtição** – Sim.

**Cuspido e escarrado** – Acho que sim, embora aqui não seja de muito bom tom usar essas expressões, mesmo com conotações metafóricas.

**Custar os olhos da cara** – Sim. Muito. Sobretudo quando o custo de vida “está pela hora da morte”.

**Cutucar a onça com vara curta** – Cuidado! Não se usa, que me pareça.

**Deixa como está para ver como é que fica** – Muito interessante, mas não creio que se diga assim aqui.

**Demais (no lugar de simplesmente “muito”)** – Creio que está a entrar.

**Deu a louca** – endoidou – Creio que ainda não entrou.

**(um) Deus nos acuda** – De algum modo, os velhos ditos “Aqui d’El Rei, quem me acode?” ou “Ó da guarda!”

**Dia de São Nunca** – Sim, e por vezes acrescenta-se, de forma mais precisa ainda, “à tarde”.

**(dar a) Dica** – Sim. Há umas tantas décadas, dois pares talvez, começaram almas caridosas a “dar dicas” ou a perguntar: “queres que te dê uma dica?”. Antes davam-se sugestões, ideias, etc...

**Dor de cotovelo** – Sem qualquer dúvida, existe palavra e coisa. Relacionado com a proverbial inveja, mas que suspeitamos não ser só privativa destes ou daqueles países.

**(é) Dose...** (...para elefante / ...cavalo / ...leão) – dito com um ar de quem carrega uma pesada dose mesmo... – Não se usa.

**Em pratos limpos** – tudo tem que ser posto... – Por vezes, puxa-se a toalha (num ato de fúria ou impaciência) e a loiça parte. Também se fala em partir a loiça. Porém, não “gente fina” (e *a fortiori* “granfina” – expressão que se importou do Brasil), a qual “é outra loiça”. Ou “outra coisa”, com menos força metafórica.

**Encher o saco – eu já tô de saco cheio** – Velha letra de canção de Tiago Alexandre (pelo menos). Diferente de puxa-saco, naturalmente. Não se usa por cá. Nem as expressões “que saco!” nem “puxa-saco”.

**Encrenca** – Sarilho, aflição. Vai-se usando, embora creio que com a sensação de ser tomada de empréstimo, pelo menos um pouco. Também se fala em encenqueiro/a para o/a que vai complicando, protela, aborrece. O burocrata é tido como o típico encenqueiro...

**Engolir Sapo** – Sapo vivo e também (*stupete gentes!*) elefante... sobretudo em voto útil nas eleições.

**Entrar pelo cano** – E também se diz, mais raramente, “entrar pela madeira”. Situação realmente muito desagradável.

**Entre mortos e feridos se salvaram todos** – Variante portuguesa: “Algun há de escapar”. Aqui só o indeterminado “alguém” há de escapar. Também não se diz que “acaba tudo em *pizza*”.

**Era (só) o que faltava** – Aproximar do dito “que mais irá me acontecer!” da decerto primeira telenovela cómica da TV portuguesa, de título e de algum modo refrão “Moita Carrasco!”, com autoria e protagonismo de Nicolau Breyner. Também próximo de “é pior (ou melhor – ironicamente) a *emenda* que o soneto”.

**Esculhambar** – E o *Esculhambador Geral da República*, o humorista extraordinário José Simão. Não se diz por cá.

**Esperar sentado – Tirar o cavalo da chuva – Dia de São Nunca**, etc. – Fia-te na virgem e nãourras... Tudo isso existe por cá. Também “no dia de São Nunca” se especifica, por vezes “à tarde”. Ou seja, “para as Calendas Gregas”. De obras e algumas mudanças, sobretudo públicas, se diz “provisoriamente definitivo” ou “definitivamente provisório”. Diz-se, como incentivo ao fazer e para que alguém se desengane do aguardar: “espera pouco”. Na canção de Sérgio Godinho, *Liberdade*: “Esperar tantos anos torna tudo mais urgente e a sede de uma espera só se estanca na torrente”.

**Espertos, espertinhos, espertalhões** – O mundo é dos espertos. Ficou célebre um dito de alguém mediático que proclamou que “quem tem ética morre de fome”, ou algo do

gênero. Também se fala de uma “esperteza saloia”. Não inteligente, até boçal, mas eficaz no alcançar dos seus pequeninos, mesquinhos e por vezes até ilegais fins. “O mundo é dos espertos”! Esperteza está longe de ser inteligente, e frequentemente os inteligentes e sobretudo os muito inteligentes, têm dificuldades de integração e de sucesso no mundo.

**Espírito da coisa** – Não sei se estás a ver o... – Fala-se e pensa-se pouco em espírito. Antigamente havia o curioso *esprit de corps*, espírito de corpo, que tem alguma *contradictio in terminis* aparente. Há, entre as mil e uma receitas de bacalhau, um delicioso “bacalhau espiritual”; mas, ao contrário do que possa pensar-se, não tem apenas batata, tem mesmo bacalhau. Poucos saberão que o *Espírito das Leis* de Montesquieu evoca o espírito do seu vinho de Borgonha, que era a sua principal fonte de rendimento. Lembremo-nos de que se fala também de “bebidas espirituosas”.

**(Não) esquentar a cabeça** – Zen, pensamento positivo – ou simplesmente, “não esquenta”. Raro aqui. Mas vai começando a entrar...

**Estupidamente gelada** - saia uma cerveja .... para um batalhão e vamos botar água no feijão – por cá, quase só evocando a *Feijoada Completa*, de Chico Buarque.

**Faniquito** – dar o fanico, ou o chilique... Muito *démodé*. Assim como os saís que ressuscitavam...

**Fantástico** – além do programa de TV, tudo o mais é, em linguagem muito entusiasmada, tantas vezes sem razão ... , mas, mais ainda, *maravilhoso*. Por aqui, um pouco menos. Embora haja outros adjetivos terríveis. Desde logo “brutal”. Felizmente ainda vai havendo algum comedimento (em queda, em perda). Interessante o uso tão frequente no Brasil de “maravilhoso”...

**Favas contadas** – são... . “Um no saco e outro no papo”. Ou então “Trigo limpo”... a que se juntava, creio que agora menos... “farinha Amparo”. Quando tudo parece certo e seguro...

**Fazer uma vaquinha** – Por vezes se ganha, a lotaria ou outros jogos de azar, por essa forma concertada de esforços (ou dinheiros) partilhados.

**Fiado só amanhã** – Velho letreiro de vendas portuguesas.

**Ficar em cima do Muro** – Coisa de tíbio ou de calculista. Talvez comece a entrar nos usos. Relacionar com o “nem-nem-ismo” que Roland Barthes analisou nas suas *Mythologies*.

**Ficar passado** – como se um camião lhe tivesse passado por cima. Passou-se dos carretos: exaltou-se demais... Perdeu as estribeiras.

**Ficar por isso mesmo** – Não vai dar em nada – acaba tudo em *pizza*. Terminar por ali. Também expressão para pôr fim a uma conversa desagradável: “Vamos ficar por isso mesmo”. Ou “Vamos terminar por aqui”. Até para evitar subida de tom...

**Fim da picada** – é o fim do mundo. Abismo total. Creio que entrando nos usos. Já ouvi: “depois daqui só há dragões”, creio que tomado de empréstimo de Carl Sagan.

**Fofoca – e fuxico** – Muito usado nos tempos atuais, creio que por influência da telenovela. Mais a primeira que o segundo.

**Frescura** – Frescura é palavra muito útil. Aproximar de “Mi mi mi” e de outras aflorações em linguagem e ideologia corrente do politicamente correto e pensamento único.

**Freud explica** – Bordão de linguagem e de pensamento. E, tal como Freud, quantos mais!? Mas Freud tem um *glamour* especial. Por exemplo, não seria a mesma coisa dizer Marx, Nietzsche, Foucault, Milton Friedman, ou Tomás de Aquino explicam... Embora alguns no seu subconsciente talvez o pensem... Com estes e com outros. É dramático como há pessoas de um só livro e de um só autor na intelectualidade de hoje...

**(Quebrar o/um) Galho – Vê lá se dá pra...** - fazer um jeito. Dar um jeito. Nem sempre muito ético... E depois há o *jeitinho*...

**Gambiarra** – Confrontar com a portuguesa Geringonça, que chegou a ter aplicação política, com curiosa evolução semântica. Não se usa por aqui gambiarra.

**Galinha criar dente** – quando a galinha tiver dentes... dia de São Nunca, Calendas Gregas – existe, embora não com o verbo “criar” mas “tiver”. “Quando a galinha tiver dentes, no dia de São Nunca, à tarde...”

**(Fazer) Gato e sapato** – Um clássico. Sim. Ouve-se oralmente só “fazer gato sapato”. Mas os direitos humanos não o estão lá a permitir muito, ao menos em teoria...

**Golaço** – Mais usado na fórmula oral *Granda* golo... ou *Ganda* golo. Mas, ainda assim, já ouvi... Seriam brasileiros em Portugal?

**Hamburguer** – Usa-se, e ainda num aportuguesado estranho, como hamburguesa, ou bife hamburguês. Também os há vegetarianos.

**(é da) Hora** – Fernando Pessoa termina um poema da *Mensagem* com “É a hora!”. Não vemos outra similitude.

**Ir (ou não) com a cara de alguém** – não vou com a cara do cara – Creio que está a entrar... Mais fácil que outras expressões sinónimas. Curioso que não se usa para o feminino.

**Ir levando** – a gente vai levando (canção). “A gente vai levando / só de birra, só de sarro”... como na canção de Chico Buarque... Creio que vai entrando.

**Já deu o que tinha que (/de /a) dar** – “Não mais, musas não mais” (diz Camões, nos finais dos *Lusíadas*). Sem dúvida muito usado para coisas, pessoas ou situações perecidas.

**Jeitinho, jeito, jeitão** – jeitinho Brasileiro – Lembro-me do livro *A Cabeça do Brasileiro*, de Alberto Carlos Almeida.

**(onde o ) Judas perdeu as botas (/meias)** – Lá em “cascos de rolha”... julgo que se usa, sim, também com botas (ou meias) de Judas... Mas não estou completamente

certo. Não se pode ainda deixar de lembrar o livro de António Lobo Antunes, *Os Cus de Judas...*

**Lábia** – Muita, a dos malandros bem-falantes...

**Lanterna** (do campeonato) – E lanterna vermelha, o último.

**Larápio** – Ladrão. Usa-se, sim.

**Legal** – Confrontar o português, não exatamente equivalente, “giro”. Em Portugal, “legal” só mesmo para coisas de lei...

**Lenga-lenga** – Melopeia, ladainha. Também usado.

**Lero-lero**; blá-blá-blá; lenga-lenga, nhe-nhe-nhem; patati, patatá – bula-bula, ablamandibla, etc. – onomatopaicas ou afins, denotativas de um palavrar (verbalismo) excessivo. Por aqui, há várias fórmulas...

**(tirar de/ gol de) Letra** – você tira de letra... não precisa estudar muito... – Não se usa, mas é muito expressivo.

**Lindo de morrer** – Expressão de êxtase estético absoluto... Talvez algumas pessoas digam. Muito plástico. Se não se levar a sério...

**Luz no fim do túnel** – Uma luz simbólica, sobretudo anunciando o final de um período de austeridade ou fechamento político (anúncio de “primavera” política), mas ainda não completamente próximo. Usado com alguma frequência em contexto político por cá.

**Macaco velho** – É pior que raposa velha. O macaco velho é mais “safado”, mais mesquinho. Sem ofensa, claro...

**Maluco** – Malucos também os temos, e – evidentemente – nem sempre os que se dizem sê-lo. Provérbio: “De médico e de louco todos temos um pouco”.

**Mamata** – Dizem sempre que vai acabar... Mas por cá não se usa muito. Mais apenas “mama”, ou de forma mais elegante, “sinecura”, e afins.

**Mancada** – Recordamos sobretudo “uma moça sem...”, de *Juventude Transviada*, de Gal Costa. Aparte essa fórmula, não conhecia sequer.

**Mão na frente, outra atrás** – Ocorre quando se está na “pindaíba”... Usa-se, sim. “Com uma mão...”.

**Marcha, soldado...** *Marchieren ist des Krieges Lust* – cantava uma patrulha de legionários romanos na versão alemã de um álbum de Astérix. De resto, não encontro...

**Maria vai com as outras** – As *leis da imitação* de Gabriel de Tarde são fortíssimas. Há uma força atrativa da moda. Aqui também se diz.

**Mea culpa ou meia culpa?** – “Livrai-nos de cair do trem na estação... “ em vez de *cair em tentação* – muito corrente nas fórmulas muito repetidas e não pensadas (neste

caso, do “Pai Nosso”). A um tipo de ônibus bam-bam-bam alguns chamavam “Auto-pluma” (acreditando ser suave como uma), ao mecanismo de apoio cardíaco, “Peicemaika” (aportuguesando o pacemaker), ao sistema de seguro dos funcionários públicos ADSE (Assistência na Doença aos Servidores do Estado) confundiam com CDS (Centro Democrático Social), nome de um partido político. Creio haver um livro de Bertrand Russell que fala em coisas semelhantes no inglês.

**Mexer os pauzinhos** (/ tecer os pauzinhos) – Coisa de *faire les couloirs*... Usa-se, sim. Normalmente, os que mexem os pauzinhos “não dão ponto sem nó”.

**(ficar com o / pagar um) Mico** – E quem fica mal diz-se que “é o mexilhão”, ou seja, a arraia miúda. Mas aqui não se usa o “mico”, que é apenas tido por um tipo de macaco.

**Mictório x toailete** – Ambos já pouco se usam por cá. Toailete soa a pretensamente *chic*, portanto *snob*, mas está *démodé*. Mais utilizada a expressão “casa de banho” (se for numa residência privada, sobretudo, ainda se poderá dizer “quarto de banho”), WC, etc. Mais raramente, “lavabos”. Fez-se uma *charge* televisiva em que se falava em “banheiro”, que em Portugal é um encarregado da vigilância das praias, dos banhos...ou simplesmente funcionário que entrega toalhas e afins numa piscina de hotel. Algumas pessoas delicadas optam por perguntar, em lugares públicos, onde podem ir “lavar as mãos”, sem referirem especificamente o nome do cómodo.

**Minha Nossa** (Senhora) – Bastante usado. “Nossa Senhora”, também. Mas talvez com mais peso.

**Minhoca na cabeça / pulga atrás da orelha** – Minhoquices, macacos no sótão, teias de aranha também. “Pulga atrás da orelha” alerta para algo (fica-se “de pé atrás”). As “minhoquices” são coisas de empreender, manias... pensamentos obsessivos de pessoas “encucadas”, expressão que começou a entrar aqui, salvo erro, a partir da exibição em Portugal da telenovela *O Casarão*.

**Misto quente** – Coisas de cafetaria. Usa-se (mas melhor pedir uma tosta mista só). Mas não adianta pedir “no capricho” porque, em geral, não será compreendido o pedido de um tratamento especial...

**Muitos anos de janela** – Também se diz “muitos anos a virar frangos”... Muita experiência, sim. Mas também, normalmente, pelo menos para os observadores mais criativos, uma enorme maçada, uma vida sem sentido. Se for literal, claro: porque os frangos ou as janelas, metaforicamente falando, podem ser de muito tipo.

**Mundos e fundos** – Há quem proclame que os tem... Há quem diga que outros os possuem... Usa-se, sim.

**(feitos) Na hora** – Desde há uns anos, criou-se o mecanismo da “empresa na hora”. Parece assim totalmente importado. Fazer algo “logo”, em Portugal, é só para mais tarde. O “logo” na aceção brasileira seria em Portugal agora o “na hora”, mas só se diz ainda por importação. A tradicional dicotomia será “agora” e “logo”, ou mais explicitamente “mais tarde”. Há muita coisa que se faz depressa, ou a horas. Embora outras se protelem. Mas não creio que se possa identificar um padrão. Há quem seja ativo e quem seja passivo. Os estereótipos de hiper atividade e preguiça levam grande dose de preconceito... Numa coisa, porém, confluem Portugal e Brasil: numa grande burocracia, que demora coisas que poderiam ser simples. Mas há quem diga que a

culpa vem de mais atrás, e que os portugueses aprenderam essa política do carimbo lento com outros... Quem sabe?

**Na hora da verdade** – Designa um momento kairológico. Também se fala da “terra da verdade” como o outro mundo, o Além.

**Não nasci ontem** – Parece que quem o diz precisa de o dizer... e assim enfraquece o discurso; mas diz-se, há quem o diga.

**Não perde por esperar** – No sentido de “cá se fazem, cá se pagam”... “A vingança serve-se fria”. Usam-se todas.

**(fazer as) Necessidades** – Também por cá, mas “necessidades” com minúscula, até porque há um Palácio das Necessidades, onde está o Ministério dos Negócios Estrangeiros, o equivalente ao Ministério das Relações Exteriores do Brasil.

**Nem que a vaca tussa** – Pelos vistos, as vacas não tosse lá muito por cá... Mas creio já ter ouvido. Não estou certo. Também se diz “tirar a tosse a alguém”, para ter a atitude caridosa de a eliminar da face da Terra.

**Obrigado** – Notamos que agora muitos no Brasil dizem “grato/a”, “Ámen”, “sucesso!”, e outras novidades expressivas. Há, entretanto, desde há muito, toda uma filosofia sobre a expressão “obrigado” e afins... Jean Lauand é o seu grande especialista, em Língua Portuguesa, pelo menos.

**Olho gordo** – Prejudica. É “mau olhar”. O olho do patrão junto das suas coisas ou empregados, pelo contrário, faz prosperar... Mas aparentemente esse olho não é gordo.

**Outros quinhentos** – Também se diz por cá... Importante a etimologia. Paralelo no Azeite 5 soldos (talvez não seja muito comum no Brasil – que contudo serve imensas marcas de azeite, raros ou inexistentes em Portugal, mesmo dizendo serem de origem lusa), que assim justifica o seu nome: “Em tempos, arrancar uma árvore, dava uma multa de três soldos. Mas se fosse uma oliveira, a multa era maior. Era de cinco soldos”.

**(Ele é...) Ótimo!** – Lindo elogio (com um ar moderno e algo apressado, como tantas coisas modernas). Não noto que se diga muito por cá (talvez à exceção de meios mais ou menos jovens da capital – mas não creio que seja importação do Brasil). Dizem muitos entendidos que pairam por cá sombras de inveja (desde logo, e maximamente, Teixeira de Pascoaes, no seu clássico *Arte de ser Português*). Mas não será esse sentimento uma coisa universal?

**Ossos do ofício** – Naturalmente os há em Portugal. Até existe um livro com tal título, do fundador do Serviço Nacional de Saúde e advogado António Arnaut.

**Paga e não bufa** – É igual por cá.

**Pão, pão; queijo, queijo** / (pôr o) Preto no branco / pingos nos ii / em pratos limpos / na hora da verdade / sem papas na língua/ agora é que são elas / no frigir dos ovos – Todas também de cá, salvo (creio) o frigir de ovos, que aqui não são ditos fritos, mas estrelados. Um garçom num restaurante hesitará (pelo menos) se lhe pedirem ovos fritos. Em contrapartida existem muitas outras modalidades de ovos: cozidos, escalfados, estrelados, mexidos, e até rotos...

**Pão que o diabo amassou** – Há quem tenha que comer. Mas não é uma sina predestinada, creio. Também se fala em “pão do diabo”.

**Papo furado** – Pratica-se, mas não se batiza assim... Creio que em Moçambique se dizia, por influência de língua local, “bula-bula”. E eventualmente até com um gesto denotativo de muito se falar.

**Patati, patatá** – Língua meio “tata-bitata”, também por cá. Poderá ser, em certos casos, uma espécie de *quod erat demonstrandum* do linguajar fácil do verbalismo...

**Pensando na morte da bezerra** – Coisa de pessoa um tanto matuta (e “matuto” vem de “mato”). Também em Portugal.

**Pernas, para que te quero** – Por isso, se dá “às de Vila Diogo” (v., salvo erro, a obra do antropólogo Moisés Espírito Santo, para esta enigmática expressão para fugir). Existe em Portugal.

**Pingos nos is** – Por cá são “pontos nos ii”. Há até a tentação de usar muito para assertividade mais ou menos mediática.

**Pintar o sete** (e muitos outros pintares) – “Pinta o sete lá na rua com alguém”... diz canção portuguesa. No Brasil, há, pelo menos, *Menina que pinta o sete*, marchinha de Carnaval.

**Piripaque** – Aqui se diz, em gíria, “badagaio”. Uma síncope ou afim.

**Pisar na bola** / Pisou no tomate – Aqui mais “pisar o risco”. Mas, será mesmo a mesma coisa?

**(vai) Plantar batatas & Cia.** – Essa existe (e também “plantar bananas”), e ainda “vai dar banho ao cão”. Canção meio surrealista: “Tira o brilho à pedra pomes”, zuca truca bazaruca... Notar que “plantar bananeira”, em Portugal, é mesmo plantar bananeira, não fazer acrobacia (aqui dizemos “fazer o pino”).

**Podre de rico** – Há quem seja. Aqui também se usa e há. Pessoas *snoobs* afirmam que em suas casas “dinheiro é como lixo”.

**Ponta do iceberg** – Também. Não é muito aconselhável espreitar demasiado para baixo... É como com as carpetes e tapetes... e os armários donde podem sair esqueletos.

**Pra Burro / Pra Cachorro** – *Pra xuxu* e outras variantes? Talvez a entrar nos usos, em alguns ambientes. A ideia aqui é de ser algo numa sua versão muito forte, grande, etc..

**(não é minha) Praia** – Acho que é uma fórmula que, pela sua plasticidade e eloquência, vai sendo importada. Mesmo no interior, onde há apenas algumas praias fluviais.

**Preto no branco** – Sem qualquer racismo, como colocar os pontos nos ii. No Brasil, “pingos” nos ii, como se sabe.

**Pudera** – Com exclamação. Sim, sem dúvida!

**Puxa-saco (“pegar na chaleira”)** – lambe-botas – uma categoria comum a muitos países. Também cá.

**Quebrar o Tabu** – Aqui também, sobretudo utilizada para secretismo sobre se um político se recandidata, por exemplo. Nada a ver, diretamente, com o totem, como poderia pensar-se tendo presente a obra de Freud.

**Quem tem boca vai a Roma** – Parece que o mapa é o mesmo. Por cá, igualmente se pergunta para ir à Cidade Eterna.

**Rabo entre as pernas** / burros n’água / viola no saco / mão na frente, outra atrás – Todas aqui também.

**Rabo preso** – Por aqui será mais “ter rabos de palha”, e por isso, certamente, se poderá ter alguma dificuldade de movimentos... Os rabos de palha certamente ficam mais presos...

**Rainha do lar** – Muito em uso em revistas femininas, e domésticas, dos anos 40-50 e seus derivados. Também “fada do lar”.

**Raposa velha** – Velho político ou empresário, ou académico do tipo “patrão” (*patron*, em França; v. também *mandarin*). Aqui também.

**Roer a corda** – Como o deus Loki na mitologia nórdica, o honesto Iago shakespeariano, e toda uma plêiade de traidores e faltos à palavra.

**Sabe com quem está falando?** – Imortalizado criticamente por Clarisse Lispector no Brasil, também existe por aqui, mas talvez não tão bem recortado numa frase tão lapidar...

**Sacanagem** – Aqui, tradicionalmente, mais se usa o agente da mesma, o “sacana”. Mas a expressão “sacanagem” eleva a sua atividade a um modo de vida e um *Oberbegriff*.

**Sair do armário** – Desabrochar ou deixar cair a máscara, ou simplesmente assumir-se ou crescer... Também se usa. Sobretudo para os adolescentes, antigamente.

**Salafrário** – Usa-se, sim, assim como “flibusteiro” e outras imprecações / denominações das traduções de falas do Capitão Haddock dos álbuns de Tintim, de Hergé.

**Se a moda pega** – Reflexão judiciosa algo conservadora, ou meramente de prudência. Também se usa...

**Se esta rua fosse minha** – “Eu mandava ladrilhar... com pedrinha com pedrinha de brilhante...”. Há versão erudita (e a de Maria Bethânia) e a mais conhecida versão infantil que associa à Galinha Pintadinha...

**(o) Seguro morreu de velho** – Aqui também. Porque se pensa nos caracteres e no *ethos* da senectude, em Aristóteles já?

**Sem papas na língua** – Emprega-se por cá igualmente.

**Senso comum** – E também bom senso, que é melhor, mais prudente, mais advertido... E “bom senso e bom gosto”, célebre polémica literária no séc. XIX.

**Tanto faz (... como tanto fez)** – Ou “tanto faz como fez”. Sinal de filosofia de vida indiferentista. Mas sinal possível de algo que “não adianta nem atrasa”, “não esquenta nem ‘arrefenta’”. Aqui também. E pode ser uma crítica a esse impasse.

**Tarimba.** Ser tarimbado – manga de alpaca (e muito funcionário) sobe pela tarimba, é assim dito tarimbeiro. Um pouco o contrário das teorias meritocráticas, que (porém) começam a ser desconstruídas com argumentos interessantes. Diz-se ainda que “a antiguidade é um posto”. Essa antiguidade indica a prática rotineira, que é a tarimba. Os mais juristas falam (jocosamente) em adquirir, subir, ou ser promovido “por usucapião”.

**(em) Time que está ganhando... não se muda** – Aqui se diz algo como “equipa (ou treinador) que ganha não se muda” (com variantes possíveis).

**Tomara** – Mais se usa por aqui “Oxalá” ou “Queira Deus”... Mas a modulação é subtilmente diferente. E recordamos a marchinha “Tomara que chova” (Emilinha Borba).

**Torcer, torcedores, torcida** – Nos jogos, sobretudo de futebol, mas também para exames e concursos, já começa a haver muitos *torcendo* uns pelos outros... O hino do Barcelona fala em “Jugadors, seguidors”. Estes últimos são os torcedores... Que não deixam de “estar em campo”...

**Trocar figurinhas** – Não é o mesmo que trocar galhardetes... Mas não creio que se use. Galhardetes sim, como troca de elogios, e mesmo as célebres “escolas do elogio mútuo”.

**Trocar seis por meia dúzia** – Grande risco nas opções que se fazem. Há mesmo teorias modernas internacionais de autoajuda que simplificam (ou complicam) dizendo, com base em antigas ideias, que tanto faz o caminho que se escolha. O que concorre para a desresponsabilização e o indiferentismo. Contudo, quando normalmente aqui se usa a expressão é um apelo a que se não caia nisso. Ou não se caia em pior. Nesse caso, dizia-se (totalmente em desuso): “cair de Pombal em Valladares”. Hoje, apenas: “ir de mal a pior”. Ou, com mais sabor, mas raro: “de mau a piau”.

**(ser) Trouxa** – Uma imprecação de gíria: “Xô, Trouxa!”...

**Vacinado (e maior de idade)** – Maior e vacinado. E com várias vacinas, hoje em dia. Sim, cá também.

**(ou) Vai ou racha** – Simétrico, *mutatis mutandis*, de antes quebrar que torcer. Recordando Sá de Miranda: “Homem de um só parecer, / D'um só rosto, uma só fé, / D'antes quebrar, que torcer, / Ele tudo pode ser, / Mas de corte homem não é.”. “Por la razón o por la fuerza”, lema do Chile, não sei porquê, lembra um pouco aqui. Certamente porque o *vai* é a razão e o *racha* será a força, se a razão não alcançar ganho de causa.

**Vai se lixar** – Aqui também. Mas igualmente ofensivo, embora possa ser banalizado em certos círculos.

**Vale a Pena** – “Tudo vale a pena se a alma não é pequena”...diz Fernando Pessoa, na *Mensagem*.

**Vergonha alheia** – Cada vez mais existe, e se diz. Coisa inexistente em Portugal ainda há um par de décadas talvez. Importação do Brasil, julgo.

**Vira e mexe. Volta e meia** – Creio que por aqui só “volta e meia, meia volta”.

**Vivinho da silva** – Para lavar e durar, eventualmente. Prova de vida. Sim, temos.

**Viola no saco** – Meter a viola no saco é próprio de tempos de censura. Sim, também os tivemos.

**Você, Vossa Mercê, Vosmecê, Vossemecê** – Apenas o você tem hoje realmente curso em Portugal, afora casos de evidente arcaísmo (que podem ter aflorações em regiões mais rurais e do interior). Mas o seu significado no “léxico da simpatia” é complexo. Como, aliás, também não é simples nem uniforme no Brasil.

**X do problema** – O Nó do problema, o fulcro da questão. Também é o título traduzido de Graham Greene.

Recebido para publicação em 21-12-23; aceito em 03-01-24